



A Ilha das Borboletas

CORINA BOMANN

TRADUÇÃO
ANA SEQUEIRA GOMES

 **Planeta**

15 de fevereiro de 1888

Minha muito querida Grace,

Não sei se, entretanto, me perdoaste. Imagino que não. Mas não posso deixar de te escrever de qualquer maneira.

No meu espírito, vejo-te sentada à janela do teu quarto, a olhar para o parque coberto de névoa e magoada com a forma como tudo aconteceu. E com razão, e a única coisa que posso dizer é que lamento do fundo do coração.

As coisas aqui mudaram desde que te foste embora. Fazes-me tanta falta! E acho que ao papá também, ainda que ele não seja capaz de o admitir. Fechou-se no escritório durante horas e não quer falar com ninguém. A mãe até tem medo de que ele se transforme num selvagem. Conheces os exageros dela! Ela, por sua vez, empenhou-se freneticamente na organização de uma festa para animar o papá. Na verdade, só quer perceber que impacto teve o escândalo.

Provavelmente agora estás com um sorriso amargo, se é que vais ler esta carta em vez de a lançares diretamente para o fogo da lareira. Espero, do fundo do coração, que me dês uma oportunidade, porque tenho uma notícia que talvez te dê esperança.

Pouco depois de partires, ele apareceu à minha janela e explicou-me que dentro em breve iria ter contigo. Como garantia, deu-me uma coisa que devo guardar para ti, já que ele agora não tem um sítio fixo onde morar. De certeza que vai raptar-te dessas paredes velhas, como nos contos de fadas, e então encontrarão a vossa felicidade.

Corina Bomann

Irmã muito querida, prometo que estarei sempre cá para ti e para os teus, aconteça o que acontecer. Se um dia estiverem em dificuldades, terão sempre a minha porta aberta, é uma dívida que tenho para com todos vós.

*Com muito amor
Victoria*

Prólogo

TREMAINE HOUSE

1945

A jovem mulher apareceu numa tarde chuvosa de outubro em frente à velha casa senhorial. A neblina envolvia o parque e fazia com que os cho-rões, de cujos ramos caíam lágrimas de chuva, tivessem um ar ainda mais desconsolador. A folhagem de outono, ressequida, debruava os caminhos outrora cuidados e pendia em fiapos sobre a relva, que há muito não era cortada.

Com a expressão tensa, ignorando o seu reflexo emaciado, a forasteira espreitou por entre as vidraças da porta de entrada. Já tinha tocado duas vezes, mas não se via ninguém. No entanto, ouviam-se nitidamente pessoas no interior da casa. Com certeza aquela azáfama e agitação impediam-nas de ir até à porta.

Depois de ter tocado em vão à campainha pela terceira vez, já pensava em dar meia-volta e ir-se embora. Ouviram-se então passos e pouco depois apareceu uma mulher em uniforme de criada, com uma placa onde se lia o nome Linda. Esta avaliou com rigor a recém-chegada, que tinha o aspeto comum a muitas mulheres que a guerra deixara na penúria. Cabelo preto emaranhado, faces pálidas. As sombras azuladas por baixo dos olhos davam testemunho da fome e da privação. Os sapatos de trabalho, grosseiros e acima do seu número, estavam rotos de lado. Por baixo das roupas sujas e da gabardina esburacada avolumava-se uma pequena barriga.

– Lamento, mas estamos sobrelotados – murmurou Linda friamente.

A figura pálida estendeu-lhe então um envelope gasto e coberto de manchas de sujidade.

– Entregue por favor à senhora da casa. – As palavras soavam desajei-tadas, pois não estava habituada a falar inglês. Mas havia uma determinação

naquele pedido que não encaixava numa pessoa que se tivesse conformado a viver na rua. Linda olhou atentamente para a mulher, que lhe parecia ter qualquer coisa estranha, mas como ela não retirou o seu pedido e correspondia de forma quase desafiadora ao olhar da criada, pegou no envelope.

– Um momento, por favor.

O momento prolongou-se, mas a mulher continuou de pé em frente à porta, como se estivesse petrificada. Não se foi apoiando numa ou noutra perna, nem se sentou, embora o corrimão baixo de pedra convidasse a isso. Limitava-se a acariciar suavemente a barriga, onde estava o seu tesouro mais precioso. A criança que crescia dentro dela valia cada esforço, cada humilhação.

Em vez da criada, apareceram duas mulheres, uma que teria uns cinquenta anos, com o cabelo louro-escuro, e a outra mais ou menos da sua idade, loura-arruivada. Embora a guerra também lhes tivesse exigido sacrifícios, em comparação com ela pareciam não estar mal, como se podia deduzir pela cor saudável do rosto e pelas formas arredondadas.

– A menina é a Beatrice? A Beatrice Jungblut?

A jovem mulher assentiu com a cabeça.

– Sim, a filha da Helena. Vocês são as Stanwick, não é?

– Eu sou a Deidre Stanwick, esta é a minha filha Emmely Woodhouse – respondeu a mulher mais velha. A filha era o seu retrato chapado.

Beatrice fez-lhes um aceno de cabeça, apreensiva, porque sentiu que não era bem-vinda. Mas não tinha nenhuma alternativa. Não queria saber da sua própria vida; por essa altura já correra perigo tantas vezes que a morte deixara de a assustar. Mas a criança devia ter a oportunidade de ver o sol e de gozar a paz que reinava havia apenas alguns meses.

Depois de se olharem de forma eloquente, a mais velha perguntou:

– Onde está a Helena?

– Morreu durante um ataque, tal como o meu marido – respondeu a mulher.

– E tu? – perguntou Emmely, comovida.

– Consegui esconder-me. – Pôs a mão sobre a barriga, num gesto protetor.

– A minha mãe disse-me que se lhe acontecesse alguma coisa devia vir ter convosco.

Voltaram a olhar uma para a outra e depois Deidre perguntou:

– Tens alguns papéis que provem a tua identidade?

Beatrice abanou a cabeça.

– Arderam quando os aviões de voo rasante atiraram sobre nós.

Acabou-se, pensou ela. Vão mandar-me embora. No fundo, por que motivo haviam de confiar em mim? Nada disto vale a pena, e o papel que tenho na mão não passa de uma promessa vã há muito esquecida.

– Bom, é melhor entrares, e já falamos.

O cheiro a fénico e a morte atingiu a grávida, enquanto seguia as donas da casa por um longo corredor. Ali, as feridas infetadas pareciam debater-se com a escassez de medicamentos e a falta de desinfeção.

– Há já uns bons três anos que temos um hospital aqui em casa – esclareceu Emmely, a quem o silêncio parecia incomodar. – Os quartos estão a rebentar pelas costuras. Por favor não leves a mal a Linda querer mandar-te embora. Neste momento estamos completamente sobrecarregadas pelos veteranos que voltam da guerra e por pessoas com fome.

Beatrice olhou com embaraço para os sapatos sujos.

– Peço desculpa.

– Cá nos arranjaremos – disse Emmely em tom afável, pousando o braço por um momento no ombro dela. – Vieste ter ao sítio certo.

Ao ouvir estas palavras, Beatrice sentiu uma tontura. Haveria mesmo um sítio certo para ela e para a criança? A terra a que ela chamava sua estava agora coberta de sangue e ruínas.

Embora a cozinha fosse bastante grande, havia muita falta de espaço, porque cada centímetro livre de chão era usado para arrumar caixas, armários e outros móveis. Sempre que não havia perigo, as coisas eram empilhadas. No centro sobrava apenas espaço para o fogão e para uma mesa com quatro cadeiras.

– São condições terríveis, mas habituamo-nos – suspirou Deidre, tirando três chávenas da prateleira. – Antes tínhamos aqui empregados, mas a guerra tira-nos não só a liberdade, como também todos os privilégios. Agora comemos à mesma mesa que os criados, que na verdade já nem sequer trabalham para nós.

Beatrice recordava-se muito vagamente que em tempos a sua família tivera uma rapariga a fazer o serviço doméstico. O aspeto da sua casa, do quarto e das roupas que em tempos vestira estavam de tal forma ofuscados pelo sofrimento que passara que já quase não sabia como tinha sido a sua vida antes de começar aquela loucura.

– E a rapariga que abriu a porta? – perguntou, sentando-se devagar no lugar que lhe era oferecido.

– A Linda é minha empregada, usa uniforme, mas é só uma formalidade, porque é precisa no hospital. Eu e a minha filha também damos uma ajuda, na medida do possível.

O olhar de Deidre pousou na barriga dela.

– Eu também posso ajudar – ofereceu-se Beatrice, mas a tia abanou a cabeça.

– Quando muito, podias ajudar aqui na cozinha, mas não ao pé dos doentes. Correrias o risco de perder a criança, se fosses contagiada por algum germe.

A veemência despropositada daquele tom assustou Beatrice e as dúvidas voltaram a assaltá-la. *Lá porque te deixaram sentares-te com elas numa cozinha cheia de tralha, está longe de significar que já fazes parte da família.*

Quando Deidre ia continuar a falar, a chaleira que estava ao lume, atrás dela, lançou um apito agudo. Levantou-se e pegou num bule. Aquele aroma intenso teve um efeito muito calmante em Beatrice. Sempre o achara agradável, mesmo no campo de refugiados onde tinha estado depois de atravessar o rio Oder, dava-lhe a sensação de estar em casa. Por momentos, graças àquele aroma conseguiu sentir-se transportada até casa, ao jardim da avó Grace, à pequena estufa onde ela tentava cultivar flores exóticas. E onde, por vezes, ficava horas sentada a observar, com ar ausente, um arbusto de frangipani, segurando na mão um pequeno papel, que a sua mãe sempre afirmara ser um horóscopo.

– Isto é um chá de Assam miserável, mas infelizmente não temos mais nada – disse Deidre, arrancando-a aos seus pensamentos e pousando-lhe a chávena à frente. A cor do chá deixava ver as finas fissuras no esmalte, que assim se estendiam como veias escuras pelo interior da chávena.

Assam, Darjeeling, Ceilão. De súbito, voltou a ver à sua frente os rótulos primorosos dos recipientes na cozinha da avó. Com todos os caprichos, ela desenhava as letras no papel e depois decorava-as com uma pequena vinheta com ilustrações estilizadas de folhas de chá e flores. Agora, tudo aquilo, tal como a casa do capitão no mar Báltico, o jardim e a estufa, tinha caído em ruínas.

As mulheres ficaram caladas a beber o chá, cada uma metida nos seus pensamentos. Por um instante, o olhar de Deidre pareceu perder-se na distância, como se procurasse alguma coisa; Emmely não parava de observar Beatrice, que fingia não se dar conta, e que no seu espírito via surgir o rosto da avó.

Que estranho lembrar-me agora dela, e não da minha mãe, pensou, enquanto traçava, mentalmente, as linhas finas do seu rosto, e acariciava com o olhar o seu cabelo de um ruivo intenso, herança escocesa, e observava a pele branca, que tendia a ganhar sardas com o sol. Como tinha inveja, em criança, daquela avó de pele luminosa e branca! Ela própria e a mãe, Helena, eram de tez mais escura, com caracóis pretos e os olhos com um recorte exótico, que a avó dizia ser uma herança do seu marido. Infelizmente, o avô, o capitão, morreria pouco antes de ela nascer.

– Para já, hoje ficas aqui – decidiu-se Deidre, quando voltou da lonjura dos seus pensamentos. – Dormes no quarto da minha filha, e esta noite a Emmely dorme comigo.

– Mas... – começou Emmely, que aparentemente preferia partilhar o quarto com a recém-chegada.

– Nada de protestos, a nossa hóspede fica num quarto só para ela. – O olhar severo de Deidre pôs fim à discussão. – Vai lá acima e mostra o quarto à Beatrice. Depois prepara as coisas. Entretanto, vou voltar para o hospital.

Com estas palavras, levantou-se e seguiu em passo apressado lá para fora. As duas jovens mulheres olharam-se timidamente.

– Lamento muito o que aconteceu à tua mãe e ao teu marido – disse por fim Emmely, e pousou a mão suavemente sobre os dedos sujos da outra mulher. – É sempre difícil perdermos as pessoas que amamos.

– Perdeste alguém na guerra? – perguntou Beatrice, já que Emmely parecia bastante saudável e satisfeita. Mas o sorriso dela congelou de imediato.

– Sim, perdi – respondeu ela, olhando intensamente para a chávena de chá. – O meu filho.

– Morreu durante algum ataque?

Beatrice ouvira dizer que Londres tinha sido bombardeada.

Mas Emmely abanou a cabeça.

– Um aborto ao quinto mês. O meu marido tinha acabado de ser mobilizado para a frente. Nem sequer sei se ainda está vivo. Deve achar que o nosso filho já sabe andar.

E ainda assim tenta consolar-me?, admirou-se Beatrice. *A cruz que ela carrega é igualmente pesada.*

– Mas noutra altura falamos nisto. – Emmely levantou-se e, com um sorriso amargo, tentou afastar aquela recordação. – Anda, vou mostrar-te o quarto. É muito bonito e chega bem para nós as duas, mas se a minha mãe quer ouvir-me rressonar durante a noite...

Emmely conduziu-a por um labirinto de corredores, passando por um antigo salão de baile que tinha camas e colchões estendidos no chão e encostados uns aos outros; depois subiram umas escadas. Nos corredores lá de cima também se amontoavam peças de mobília e caixas que tinha sido preciso tirar de outras divisões. Quando roçou o braço suavemente numa das caixas, ouviu um tilintar alegre que parecia de vidro ou cristal. Provavelmente todas aquelas coisas encaixotadas e ali guardadas esperavam, tal como as pessoas, que a paz voltasse.

– Ora aqui estamos. – Emmely abriu uma porta larga de duplo batente. Lá dentro, o quarto estava aquecido e parecia ainda relativamente arrumado. Os motivos florais no papel de parede tinham perdido a cor, mas ainda se conseguia perceber como aquele quarto fora bonito, em tempos. Por baixo das janelas altas, tapadas por uma cortina ligeiramente amarelada, havia quadros virados ao contrário, cujas molduras douradas brilhavam à luz.

A coisa que mais impressionou Beatrice foi a cama. Nunca tinha visto uma assim tão grande e pesada, a ocupar grande parte do espaço. Nos espaldares de duas cadeiras estavam penduradas as roupas que Emmely devia vestir mais vezes, e o armário, com as portas ligeiramente entreabertas, estava cheio de outras coisas.

– Se quiseres, ofereço-te um vestido – propôs Emmely. – Esse que trazes já nem dá para remendar.

– Obrigada, eu...

– Chega aqui! – Emmely foi até uma das cómodas e abriu-a. Lá dentro havia várias peças de vestuário, desde roupa interior a blusas e saias, e até camisolas e lenços. – O que é que queres?

– Eu...

– Não tenhas vergonha!

– Mas eu ainda nem sei se posso ficar. A tua mãe...

– Oh, a minha mãe vai ceder, isso posso garantir-te. – Emmely pescou da gaveta uma blusa com gola de marinheiro e um bordado delicado. – Acho que esta te fica melhor a ti do que a mim. Ainda não percebi porque é que a quis, olha bem para o meu cabelo. Vermelho e cor-de-rosa são cores que não combinam.

Antes que Beatrice pudesse protestar, já Emmely lhe punha a blusa à frente do peito.

– Bem me parecia! A ti, que tens cabelo escuro e a pele dourada, esta cor fica-te muito melhor.

– Mas a minha barriga! – objetou Beatrice. – Daqui a algumas semanas já não me serve.

– Até lá eu consigo tricotar-te uma camisola. Além disso, tu de qualquer forma és muito mais esbelta do que eu, ao pé de ti pareço um elefante!

As duas mulheres olharam-se e depois desataram a rir.

Emmely só saiu do quarto depois de Beatrice ter escolhido mais uma saia e um casaco de malha, além de roupa interior e meias.

– Ainda te vou arranjar uns sapatos novos; estamos agora a fazer um peditório, assim que apareça um par que te sirva, guardo-o para ti.

Esmagada por toda aquela amabilidade, Beatrice deixou-se cair na cama. O colchão macio cedeu ao seu peso, suavemente, e dos lençóis subia um perfume a sabão de lavanda. Estendeu-se ao longo da cama e saboreou pela primeira vez a sensação de estar em segurança. Mesmo que ainda não tivesse a certeza de quanto tempo poderia ficar.

Antes de Beatrice regressar com a água, já os seus olhos se tinham fechado, e por isso nem sequer deu por ela entrar.

Porém, durante a noite, Beatrice acordou em sobressalto, assustada por um pesadelo terrível. Voltava a viver aquele momento em que fora separada da mãe e do marido, como quase fora espezinhada pelo tropel da multidão e como depois fora levantada e levada para o meio dos arbustos por umas mãos desconhecidas, enquanto lá em cima os aviões de baixa altitude troavam. Fora obrigada a ver, impotente, o fogo abater-se sobre a coluna de refugiados, e a mãe e o marido, que por causa da asma não fora mobilizado para a frente de combate, desaparecerem sob um monte de cadáveres.

Achando que estava ainda no campo americano de refugiados, sentou-se, mas sentiu então o calor e viu o brilho que vinha da lareira. Por trás das janelas altas, tudo estava em silêncio. Uma lua cheia quase perfeita tentava furar por entre os véus de neblina e as nuvens, que prenunciavam chuva.

No corredor soaram passos ligeiros. Ouviu bater uma porta. Pouco depois, ouviram-se vozes abafadas através da parede. Beatrice não percebia o que diziam, mas uma inquietação íntima fê-la aproximar-se mais da parede e encostar o ouvido ao papel de parede desbotado, de onde vinha um odor estranho.

– Como é que podemos saber se é mesmo ela? Podia ter encontrado a carta. – Deidre soava zangada. Teria reconsiderado? Mas nesse caso, para onde poderia Beatrice ir? Ali em Inglaterra não conhecia ninguém.

– Não acredito que ela tenha encontrado a carta – retorquiu a mais jovem.
– Não havia lá dinheiro nenhum, achas que uma vagabunda ia ver nisso algum interesse?

– Bom, ainda assim, com isso consegue que lhe deem ajuda.

– Mas ela também teve de contar com a possibilidade de conhecermos a pessoa – contrapôs ainda Emmely. – Reparaste no cabelo dela? E na cara?

– Há muitas raparigas de cabelo preto, ela se calhar aproveitou-se dessa circunstância.

– Mãe! – Emmely falava em tom de censura. – Não a viste com atenção? Salta à vista. Mesmo sendo neta, vê-se perfeitamente.

O que é que se vê?, perguntava-se Beatrice, ignorando a sede que lhe colava a língua ao céu da boca. De repente, o coração começou a palpitar-lhe como se tivesse febre e as vozes ficaram ainda mais difíceis de entender. Sentia que as duas mulheres sabiam alguma coisa sobre si que ela ignorava. O que seria?

Houve uma longa pausa, e no fim Deidre disse:

– Tu sabes que as nossas provisões são racionadas.

– Tu sabes o que a avó Victoria disse toda a vida – contrapôs a filha.

– Sim, isso... – Parecia que alguma coisa lhe estava presa na garganta, alguma coisa que queria sair, mas não podia. – Tudo disparates!

– Mesmo assim, prometeste-lhe, no leito de morte, que ias respeitar as indicações dela e ajudar os descendentes da Grace, se eles precisassem, tal como ela em tempos prometeu à irmã – respondeu-lhe a filha, calmamente.

– Se calhar ela não devia ter feito isso... – Deidre calou-se, com amargura, e depois ouviram-se passos no quarto. – Muito bem, ela fica até a criança nascer. Depois, logo vemos. Se lhe procurarmos, a ela e à criança, um sítio seguro para ficarem, também estaremos a cumprir o nosso dever. No meio deste caos elas também não podem ficar cá mais tempo.

– Mas em algum momento o caos há de acabar...

Deidre parecia ter feito alguma coisa para a filha se calar.

Será que deram por mim?, perguntava-se Beatrice, receosa. Não, era impossível, porque respirava muito ao de leve e estava apoiada na parede como uma estátua derrubada pelo vento.

– Ela fica aqui connosco, deixamos a criança nascer, depois logo vemos. Como já reparaste, todos os nossos planos foram por água abaixo, portanto neste caso não vale a pena fazer mais nada.

E com isto, o silêncio voltou. Aparentemente, as duas mulheres tinham-se deitado sem dizerem um boa-noite para pôr fim àquele diferendo.

Agora que o corpo deixara de estar tenso, Beatrice sentiu de novo a garganta a arder. *Água. Preciso urgentemente de água.*

Com os dentes cerrados, afastou-se da parede. A posição incômoda deixara-lhe dores nas costas e nos tornozelos, que desde há um mês estavam sempre inchados. Se não fosse aquela necessidade aguda de água, ter-se-ia nesse momento deitado à espera de que o sono chegasse. Mas para conseguir acalmar-se, tinha primeiro de beber alguma coisa.

Lá fora, apalpou a parede à procura do interruptor, mas a lâmpada não acendeu. Teria havido um corte, ou será que agora a eletricidade era racionada? Beatrice lembrou-se das grandes caixas de fusíveis que havia na sua cozinha, onde às vezes os removiam para impedir que a corrente passasse.

Fosse como fosse, as manchas pálidas do luar ajudavam-na bastante a orientar-se. Sempre ao longo do corredor, depois descer as escadas; a seguir, na segunda porta à direita. Mais outro corredor, seguindo o aroma do chá.

Os degraus rangeram-lhe levemente debaixo dos pés, apesar do seu pouco peso, e ela avançava respirando tão levemente quanto possível. No último degrau precisou de parar um momento, pois a sede provocou-lhe um mal-estar no corpo que a fez cambalear. De repente, cintilaram-lhe à frente dos olhos umas luzes irreais. Nem fechando os olhos conseguia afastá-las.

Com o coração em sobressalto, segurou-se ao corrimão. Pelo canto do olho apercebeu-se de um movimento. Uma silhueta em frente à luz difusa que entrava pelas portas de vidro do salão de baile.

– Está tudo bem, menina?

Num ato reflexo, Beatrice quis responder simplesmente que sim, mas não foi capaz. As palavras não queriam sair-lhe da boca.

– Menina, sou o doutor Sayers – continuou o homem, que no instante seguinte entrou no seu campo de visão. – Eu ajudo-a.

Então os joelhos de Beatrice cederam e ela mergulhou na escuridão.

Livro I

O Segredo

BERLIM, ABRIL DE 2008

Diana Wagenbach acordou com a luz rosada da manhã a tocar-lhe ao de leve no rosto. Com um suspiro, abriu os olhos e tentou orientar-se. A imponente tília lançava sombras sobre as vidraças altas do jardim de inverno, contíguo à sala de estar. Havia manchas de luz espalhadas sobre o tapete vermelho-escuro, que protegia de riscos o velho parquê. No ar pairava um cheiro estranho. Alguém teria derramado álcool?

Demorou um pouco até Diana conseguir perceber como tinha ido parar ao sofá de couro branco. A roupa da noite anterior prendia-se-lhe ao corpo, o cabelo negro, empapado em suor, colado à testa e ao rosto e os lábios estavam totalmente secos.

– Oh, meu Deus – gemeu, ao endireitar-se. Doíam-lhe os braços e as pernas, como se na noite anterior tivesse andado a carregar caixotes de mudanças. Tinha dormido numa posição estranha, o que a deixara com dores nas costas.

Ao encostar-se para trás, quase teve um ataque. A sala parecia um campo de batalha, não propriamente devido a alguma festa de arromba, mas porque se tinha descontrolado. Assustada, esfregou os olhos e a cara.

Na verdade, Diana era uma pessoa calma, um tudo-nada paciente demais, na opinião de quem a conhecia. No dia anterior tinha visto o marido, Philipp, com uma mulher. Fazia parte do trabalho dele ter conversas profissionais mesmo depois do horário laboral. Mas isso não incluía beijar apaixonadamente a sua interlocutora e além disso acariciar-lhe o peito com avidez.

Se eu ao menos tivesse ficado em casa, pensava Diana, enquanto se endireitava e observava as nódoas negras que tinha nos braços. *Mas não, tive de*

ir ao nosso restaurante habitual, achando que depois de um dia de trabalho duro merecia alguma coisa especial.

Ao levantar-se do sofá, tentando pôr em movimento os ossos cansados, passou mais uma vez em revista a noite anterior.

Claro que não tivera a coragem de confrontar Philipp logo ali. Sem ele se dar conta, tinha ido para casa, batera a porta com raiva e depois atirara-se para cima do sofá, a chorar. Como é que ele pôde fazer-lhe aquilo!

Após uma breve crise de choro, tinha acabado a deambular pela casa, atormentada por um sem-fim de perguntas. Tinha havido sinais? Ela devia ter adivinhado? Era tudo um erro e não fora mais do que um beijo inocente?

Não, aquele beijo era tudo menos inocente. E para ser honesta, o navio daquele casamento já começara a adernar há algum tempo e esperava apenas um golpe de vento que o fizesse naufragar.

Tinham-lhe passado milhares de pragas pela cabeça. Reprimendas, ameaças, insultos, exigências. Mas quando Philipp apareceu por fim à sua frente, com as chaves a tilintar na mão, o propósito de lhe fazer uma cena desapareceu. Em vez disso, limitou-se a olhá-lo tranquilamente e a perguntar quem era aquela mulher que ele abraçava apaixonadamente.

– Amor, eu... ela...

Assegurou-lhe que era apenas uma conhecida, mas não conseguiu convencê-la. Um dos dons de Diana era saber reconhecer as mentiras. Já em criança tinha sempre sabido quando não estavam a dizer-lhe a verdade. Por vezes, tinha até apanhado em flagrante a tia Emmely, quando ela lhe escondia alguma coisa.

– Desaparece! – Foi a única palavra que conseguiu dizer. Desaparece. Depois, deu meia-volta e foi para o jardim de inverno. Enquanto via o seu reflexo e olhava para o jardim iluminado pelo luar, a porta atrás de si fechou-se.

Teria sido o momento certo para ir para a cama afogar as mágoas na almofada. Mas Diana reagiu de forma diferente.

Em retrospectiva, ela mesma achava aquilo chocante. Até então, nunca perdera as estribeiras. Tinha começado por um jarro, que atirara com um grito de raiva contra a parede. Depois, tinham sido as cadeiras do canto da sala onde tomavam as refeições. Lançou-as com toda a força pela divisão e com isso partiu a mesa de vidro ao pé do sofá e a vitrina com os troféus de Philipp. Também arremessou uma garrafa de uísque de malte. O líquido castanho-dourado estava agora seco no tapete.

Se calhar teria sido melhor bebê-lo, pensou Diana com sarcasmo. Assim não seria preciso explicar à seguradora o que aconteceu aqui.

Os cacos brilhavam ameaçadoramente e rangiam-lhe debaixo dos sapatos, quando atravessou a divisão. Um banho iria voltar a equilibrar-lhe o espírito e dar-lhe a oportunidade de pôr os sentimentos em ordem.

Depois de se despir, olhou-se ao espelho e achou-se ridícula. Será que era preciso perguntar-se o que a outra tinha que ela não tem?

Não aparentava os seus trinta e seis anos, as pessoas que não a conheciam achavam que ela ainda não tinha chegado aos trinta. Os cabelos grisalhos, com os quais tinha de contar a partir dos trinta e cinco, se desse ouvidos à publicidade, até agora não tinham aparecido. O cabelo negro caía-lhe, imaculado, sobre os ombros que, tal como os braços, já tinham adquirido um tom dourado do verão que era sempre a inveja de empregadas e amigas. O resto do seu corpo, esbelto, embora não propriamente exercitado, era de um tom mais claro, e pedia-lhe precisamente uma ida à praia, para poder ficar com uma cor comparável à dos braços.

Férias, pensou com um suspiro, ao entrar na cabina de duche. Talvez devesse fazer uma viagem, para esquecer toda aquela desgraceira.

Sob os jatos mornos, os seus sentidos voltaram a despertar, mas infelizmente o mesmo aconteceu ao ardor nervoso na boca do estômago. A água talvez lhe lavasse da pele e do cabelo os vestígios da noite anterior, mas não apagava nada.

Primeiro, Diana tentou ignorar o toque estridente do telefone fixo. Provavelmente era Philipp, que devia vir com alguma desculpa parva. Ou, no pior dos casos, ia perguntar como ela estava. Como tinha desligado o telemóvel, não restava ao marido outra possibilidade de contactá-la.

Uma vez que o telefone não parava de tocar, ocorreu-lhe que talvez fosse Eva Menzel, a sua sócia do escritório de advocacia, pelo que saiu da casa de banho embrulhada numa toalha azul felpuda e foi para o corredor, pegando no auscultador. *Se for a Eva, posso já dizer-lhe que hoje não vou ao escritório.*

– Sim, Wagenbach.

– Senhora Wagenbach? – perguntou uma voz que pronunciou o seu nome como *Uégenback*.

Diana ficou sem ar, com a surpresa.

– Senhor Green?

O mordomo da sua tia confirmou, em mau alemão, e Diana começou a falar com ele em inglês.

– Que gosto em ouvi-lo, senhor Green, está tudo bem?

Há quanto tempo não falava com a tia? Ou com o mordomo, que funcionava como uma espécie de intermediário e lhe segurava o auscultador do telefone, já que depois de ter tido um AVC os braços dela já não reagiam muito bem.

– Receio não ter boas notícias para si.

Aquelas palavras atingiram Diana como um soco no estômago.

– Por favor, senhor Green, poupe-me a tortura e diga-me o que aconteceu.

O mordomo hesitou um momento, antes de ganhar coragem para dizer o inevitável.

– A sua tia, infelizmente, sofreu há dois dias mais um AVC. Está no Hospital St. James, em Londres, mas os médicos não conseguem dizer quanto tempo ainda vai aguentar.

Diana apertou a boca com a mão e cerrou os olhos, como se dessa forma pudesse impedir as más notícias. Mas na sua cabeça já se instalara uma imagem. À sua frente via uma mulher de idade, cujo cabelo ruivo-alourado tinha a pouco e pouco ficado da cor da neve. Um sorriso bondoso nos lábios enrugados. Quantos anos tinha a tia Emmely? Oitenta e seis ou oitenta e sete? A avó de Diana, que era prima de Emmely em segundo grau, e que nascera mais ou menos na mesma altura, já tinha morrido há muitos anos.

– Senhora Wagenbach? – a voz do senhor Green varreu aqueles fragmentos de pensamentos para longe, como um golpe de vento.

– Sim, estou aqui. Estou só... em choque. Como é que aconteceu uma coisa dessas?

– A sua tia já tem uma idade avançada, senhora Wagenbach, e a vida nem sempre lhe sorriu, se me permite dar a minha opinião. A minha mãe dizia sempre que as pessoas são como um brinquedo, mais cedo ou mais tarde acabam por avariar. – Fez uma curta pausa, como se estivesse a ver a imagem da mãe. – Devia vir cá. A senhora encarregou-me de levá-la até ela enquanto ainda tem alguma consciência.

– Então ela falou consigo? – Uma centelha pequena, absurda, de esperança acendeu-se dentro dela. Talvez os médicos ainda consigam que ela recupere. Não costuma dizer-se que só o terceiro derrame é que é fatal?

– Sim, mas está muito fraca. Se quiser cumprir o desejo dela, deveria vir se possível ainda hoje. Se decidir fazê-lo, eu vou pessoalmente buscá-la ao aeroporto.

– Sim, eu... eu vou. Tenho... só de ver quando é o próximo avião e se ainda há lugar.

– Muito bem – retorquiu o mordomo. – Será que pode ter a amabilidade de me informar por *e-mail* da hora da sua chegada? Não gostaria de fazê-la esperar à chuva.

– É muito simpático da sua parte, senhor Green. Assim que tiver o número do voo, envio-lhe um *e-mail*.

De novo uma curta pausa. Um estalido no ar. A ligação teria sido interrompida?

– Lamento profundamente, senhora Wagenbach. Vou providenciar tudo para que se sinta aqui tão bem quanto possível.

– É muito amável da sua parte, senhor Green. Muito obrigada e até logo.

Assim que desligou, teve de sentar-se. Claro que não o fez no meio daquele caos de cacos; escolheu a cozinha. Também em casa de Emmely se sentava sempre na cozinha, quando a mãe, Johanna, e ela a visitavam.

Johanna tivera uma relação muito especial com Emmely, já que esta a tinha criado depois de a sua mãe ter morrido ao dar à luz durante o período conturbado do final da guerra. Só conhecia a avó Beatrice de uma fotografia desvanecida que tinha sido tirada pouco antes do nascimento de Johanna. Diana nunca tinha percebido porque é que Emmely, que não tinha filhos, não tinha adotado a sua mãe.

O bater do relógio de sala, uma lembrança que Philipp trouxera da Chéquia e que ela sempre odiara, mas que tolerara por causa dele, recordou-lhe que o tempo passava e os aviões não esperavam.

Apesar das preocupações que lhe roíam o estômago e do tremor inquieto que lhe agitava os membros, conseguiu vestir-se em apenas cinco minutos. Escolheu roupas práticas: calças de ganga, uma blusa de manga curta e uma camisola de malha leve, vermelho-escuro, para o caso de o tempo estar desagradável. Prendeu as madeixas do cabelo negro numa trança, e desta vez prescindiu da maquilhagem. A prática que tinha com as suas muitas viagens de negócios ajudou-a a fazer a mala num estalar de dedos. Além disso, não ia levar muita coisa: uma blusa para trocar, uma *t-shirt*, escova de dentes. O portátil, o bloco de notas e, claro, os cabos e os carregadores. Perto de Tremayne House havia uma pequena aldeia que oferecia tudo aquilo de que os cicloturistas das redondezas pudessem precisar. Desde que levasse a carteira e os documentos, podia arranjar tudo o que fosse importante.

Ao cruzar a porta, olhou mais uma vez para o caos que deixava atrás de si. Os cacos de vidro cintilavam à luz do sol como diamantes. *O Philipp que os limpe*, pensou, e ficou intimamente contente por não deixar nenhuma mensagem, ao contrário do que era hábito quando tinha de partir por causa de alguma urgência.

Lá fora, entrou no seu *Mini* vermelho, que já tantas vezes lhe dera provas dos seus bons serviços no trânsito intenso da cidade de Berlim, e pouco depois estava na autoestrada em direção a Tegel.

Mais ou menos ao mesmo tempo, o senhor Green dirigia-se a uma estante no escritório do antigo senhor. A sua patroa tinha-lhe dado instruções precisas, no caso de falecer. Tinha de tratar de que Diana o descobrisse. O segredo.

Ele não o conhecia. Em todos aqueles anos que já passara ao serviço de Tremayne House, tinha perdido o hábito de ser curioso, embora tivesse de admitir que logo no primeiro dia ali tinha sentido que a casa escondia alguma coisa. Aquela sensação tinha-o acompanhado até ao presente. E quem sabe se, poucos anos antes de se reformar, não seria ainda testemunha de uma revelação emocionante.

A senhora Woodhouse já o tinha iniciado naquele *puzzle* das pistas há um ano. Já na altura ela achava que o anjo da morte viria em breve bater-lhe à porta. Mas Deus concedera-lhe mais tempo, o suficiente para espalhar aquelas pistas. Aqui uma fotografia, ali uma carta dentro de um livro, que, claro, iria aparecer como que por acaso perto da pessoa em questão. «Vai ajudá-la a conformar-se depois de eu ir embora», dizia a senhora. Embora Diana tivesse deixado de aparecer há anos, a senhora Woodhouse nunca duvidara do amor e da lealdade da rapariga, que no seu coração ocupara o lugar vazio de uma neta.

Em frente à estante, o senhor Green procurou um título muito específico. Desde a morte da antiga senhora Deidre, mãe de Emmely Woodhouse, ninguém tinha alterado a arrumação dos livros. Nem sequer durante a guerra, que também ali deixara tudo de pernas para o ar, nenhum livro fora mudado de lugar.

Ah, ali estava! Encadernação verde, letras douradas desbotadas. Um livro que parecia ter sido posto ali por acaso. Mas para quem conhecesse o esquema, saltava claramente à vista. Para o caso de a visitante estar demasiado triste para conseguir pensar com clareza, puxou-o um pouco para fora, menos do

que a largura de um dedo. O ruído que fez parecia o gemido de alívio de um moribundo que finalmente pode passar para o outro mundo.

O senhor Green retirou a mão e contemplou o seu trabalho, satisfeito. Quando a luz da tarde entrasse pelas janelas altas, mesmo com o tempo encoberto, seria impossível não reparar no livro.